

TRAJETÓRIA DE MULHERES SÍRIAS, HAITIANAS E VENEZUELANAS EM MINAS GERAIS: UMA REVISÃO CRÍTICA DOS ESTUDOS DE GÊNERO NAS MIGRAÇÕES

TRAJECTORIES OF SYRIAN, HAITIAN, AND VENEZUELAN WOMEN IN MINAS GERAIS: A CRITICAL REVIEW OF GENDER STUDIES IN MIGRATION

Lara Küenzi Pedrosa ¹[0009-0008-1106-5500]
Letícia Godinho de Souza [0000-0001-5083-5899]

¹ Fundação João Pinheiro
larakunzipedrosa@gmail.com, leticia.godinho@fjp.mg.gov.br

Resumo. A presente pesquisa constitui um estudo de caso das condições de vida das mulheres sírias, haitianas e venezuelanas residentes em Minas Gerais à luz da literatura sobre migrações e gênero. Para isso, foram analisadas seis entrevistas temáticas com mulheres que se encaixavam nesse perfil, realizadas em setembro de 2020. Os resultados evidenciam como a trajetória dessas migrantes é capaz de exemplificar parte dos achados da literatura, mas também questionar algumas teorias sobre migrações e gênero, evidenciando a lacuna existente entre os estudos interseccionais aplicados a migrantes de crise que tenham se deslocado para regiões do Sul global, entre essas, o estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: Migração Feminina, Migração Sul-Sul, Sírias, Haitianas, Venezuelanas

Abstract. This research is a case study of the living conditions of Syrian, Haitian, and Venezuelan women residing in Minas Gerais in light of the literature on migration and gender. To this end, six thematic interviews conducted in September 2020 with women who fit this profile were analyzed. The results show how the trajectories of these migrants can exemplify part of the findings in the literature, while also questioning certain theories on migration and gender, revealing the gap that exists in intersectional studies applied to crisis migrants who have moved to regions of the Global South, including the state of Minas Gerais.

Keywords: Female migration; South-South migration; Syrian women; Haitian women; Venezuelan women

1 Introdução

Segundo o último Relatório Anual de Tendências Globais sobre o Deslocamento Forçado, publicado pelo Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), em 2022, o número de indivíduos deslocados à força ultrapassou a marca de 1% da população mundial, chegando ao maior patamar já registrado, de 108,4 milhões

de pessoas. Dessas, cerca de 76% se encontram em nações de baixa ou média renda, e 51% são mulheres (UNCHR, 2023).

Quando analisada a situação dessa população que se instalou em Minas Gerais, segundo estado mais populoso do Brasil, nota-se que na última década (2010 - 2019), entre os países em crise que mais tiveram cidadãos emigrados para lá estão a Síria, a Venezuela e o Haiti. É por este motivo que estes foram escolhidos como objeto de análise desta pesquisa.

Ademais, destaca-se a escolha por estudar essas populações através do marcador de gênero. Os autores Telmo, Pizzinato e Weber (2017), destacam, em seu estudo sobre feminização da migração involuntária, como são poucas as pesquisas realizadas dentro e fora do país que investigam as migrações de crise a partir desse recorte. Segundo a pesquisa, ainda menos frequentes são os estudos que incluem outros fatores, como raça/etnia e classe social na análise das condições de vida dessas mulheres migrantes.

2 Material e Métodos

A presente pesquisa visa compreender as teorias tradicionais sobre gênero e migrações a partir de um estudo de caso de mulheres migrantes que, por motivos de crise em seus países de origem, se instalaram no estado de Minas Gerais.

Para isso, foram realizadas 6 entrevistas no mês de outubro de 2020 com mulheres migrantes sírias, haitianas e venezuelanas até então residentes no estado de Minas Gerais. Destaca-se, ainda, que a interação se deu a partir de um roteiro semiestruturado, previamente estabelecido com 43 perguntas, e orientado por seis eixos temáticos distintos: informações gerais, trajetória, trabalho, moradia, acesso a serviços públicos e aculturação.

Para elaboração dessas perguntas e posterior análise das respostas também foi desenvolvida uma revisão bibliográfica e documental sobre a temática das migrações e das condicionantes capazes de influir nas condições de vida do grupo.

Tabela 01 - Perfil das Entrevistadas

Nome ¹	Nacionalidade	Município de moradia	Idade	Estado Civil	Escolaridade
Carmen	Venezuelana	Uberlândia	47 anos	Solteira	Técnico completo
Fatima	Libanesa ²	Uberlândia	31 anos	Casada	Superior Completo
Ana	Venezuelana	Belo Horizonte	31 anos	Casada	Superior Completo
Marie	Haitiana	Uberlândia	29 anos	União estável	Superior completo
Nadege	Haitiana	Ribeirão das Neves	32 anos	Divorciada	Fundamental completo
Maara	Síria	Belo Horizonte	19 anos	Solteira	Médio completo

Fonte: Elaboração Própria

3 Abordagem Teórica

Diversas são as pesquisas que buscam entender o efeito das migrações internacionais na vida de mulheres migrantes (ALENCAR-RODRIGUES, STREY, SPINOSA, 2009). Nesses estudos, geralmente acompanhados em países do Norte Global e que retratam a trajetória de mulheres advindas de países “subdesenvolvidos”, os resultados apontam para conclusões que a migração seria emancipadora de mulheres, trazendo a elas mais espaços e poderes no âmbito profissional e doméstico.

As autoras também apontam que fatores como anos de estudo, idade (e geração) e relação com outras instituições, como a igreja, podem agir como aceleradores ou, ainda, empecilhos do processo de aculturação, o que, por sua vez, podem provocar o aumento da assertividade, do empoderamento e da qualidade de vida dessas mulheres. Apesar disso, também é possível que esse processo leve à migrante questionamentos sobre a própria identidade, o que pode acarretar sintomas psicossomáticos e depressão (RAMOS, 2010).

Os autores haitianos Joseph Handerson e Rose-Myrllie Joseph (2015) criticam essa generalização, apontando que o pensamento de considerar a migração como “emancipadora” estaria carregado de uma noção demasiadamente evolucionista. A partir da pesquisa sobre mulheres haitianas na França e no Brasil os acadêmicos evidenciam, inclusive, como essas migrantes se sentiam insatisfeitas e enganadas em suas novas vidas na Europa.

¹ Na descrição entrevistas e nas verbalizações transcritas foram utilizados nomes fictícios para que nenhum participante fosse identificado.

² Apesar de ter nascido no Líbano, Fatima morou a maior parte da sua vida com sua família na Síria, é casada com um sírio e foi compreendida pela Resolução Normativa nº 17 de 2013, que facilitava a concessão do status de refúgio a sírios e demais nacionalidades afetadas pelo conflito. Ainda assim, a fim de mitigar possíveis enganos, a migrante será descrita como “síria” no decorrer no capítulo.

4 Principais Resultados

De forma geral, pode-se dizer que as trajetórias das duas migrantes sírias, Fatima (31 anos) e Maara (19 anos), exemplificam as teorias que relacionam positivamente as variáveis de “idade” e “domínio do idioma” com “aculturação” e sentimento de integração. Já as trajetórias ocupacionais de Marie (migrante haitiana, 29 anos), Ana (migrante venezuelana, 31 anos) e Carmen (migrante venezuelana, 47 anos) evidenciam como a migração e o próprio cenário de crise podem atuar como fatores de rompimento da trajetória profissional de mulheres. Nesse caso, destaca-se que, apesar de contarem com diplomas universitários/técnico em seus países de origem, nenhuma delas conseguiu revalidar ou trabalhar na área de especialização, fator esse essencial na compreensão das condições de vida dessa população.

As trajetórias de Marie e Ana, ambas incorporadas na ajuda de outros migrantes, seja pela via governamental (Marie) ou por ONGs (Ana), podem ser compreendidas como estratégias positivas não só para a sua integração no mercado de trabalho, como também para integração social dos e das migrantes atendidos por elas. Quanto às ONGs, as entrevistas indicaram o grande potencial dessas instituições na inclusão de mulheres migrantes, papel não necessariamente preenchido pelo aparato estatal. Seja pelo ensino do português ou pela assistência jurídica e econômica prestada a Nadege, imigrante que passou pelos principais processos de vulnerabilização do grupo.

Sua trajetória, por fim, mostrou como diferentes fatores, como grau de escolaridade e raça, podem atuar de forma combinada para aumentar a vulnerabilidade de mulheres migrantes, o que se alinha aos pressupostos teóricos da abordagem interseccional. Por outro lado, o relato da migrante sobre a piora no quadro de violência doméstica que sofria de seu ex-marido, a descrição do isolamento de Fatima gerado pela falta de domínio de língua e o quadro de xenofobia vivenciado por Marie no emprego aponta para a necessidade de relativizar e ter maior atenção no caso de algumas teorias, dentre as abordadas, que associam migração à emancipação feminina.

Por fim, no que tange ao acolhimento da população mineira a essas migrantes, frisa-se o relato, pela maioria das entrevistadas, de que Minas Gerais é um bom lugar para se morar. Nesse caso, espera-se que a interação com a sociedade por parte dessas migrantes seja capaz de reduzir ou ainda ressignificar a crise disruptiva do processo migratório.

5 Conclusões

Salienta-se que o presente trabalho inova em abordar a migração de crise a partir de um viés misto, interseccional e focalizado geograficamente no estado de Minas Gerais, enfoques pouco estudados pela literatura. Ademais, a realização de estudo de caso em que se aprofunda, de forma comparativa, a trajetória de mulheres de três grupos étnicos distintos também ajuda a suprir outra lacuna no campo científico, especialmente se considerada a urgência da questão das migrações de crise na pauta global.

Referências:

ALENCAR-RODRIGUES, Roberta de; STREY, Marlene Neves; ESPINOSA, Leonor Cantera. Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 421-430, 2009.

JOSEPH HANDERSON ET ROSE-MYRLIE, JOSEPH. As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas-Brasil*, 2015.

RAMOS, Natália. Gênero e migração: questionando dinâmicas, vulnerabilidades e políticas de integração e saúde da mulher migrante. **Fazendo Gênero 9**. Diásporas, diversidades, deslocamentos, p. 1-9, 2010.

TELMO, Alice Queiroz; PIZZINATO, Adolfo; WEBER, João Luís Almeida. FEMINILIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO INVOLUNTÁRIA NO BRASIL: INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E CLASSE, 2017.

UNCHR - United Nations High Commissioner for Refugees. **GLOBAL TRENDS 2019: forced displacement in 2019**